

AS AVENTURAS DE UMA ANDORINHA

Edith Holden

1

Quem sou eu? Onde estou? O que são estas coisinhas ao meu lado? Vejo um buraco e uma luz tão forte lá fora! Abri agora o meu bico e senti biquinhos abrirem-se também: “Pio-pio-pio”, que barulho!

Aqui vem um pássaro entrando pelo buraco, traz um petisco no bico e eu fui o feliz que o recebeu. Para cá e para lá voa aquela que diz ser a nossa mãe.

Ela responde às minhas perguntas. Eu sou uma andorinha muito novinha, estou dentro de um ninho, que ela e o meu pai fizeram com muito cuidado.

Por fora, é feito de barro e palhas; por dentro, é forrado com penas quentinhas. Os meus irmãozinhos estão perto de mim; somos quatro.

O ninho está no beiral de um telhado de uma casa, em Portugal, com uma vista linda sobre um rio muito grande. A claridade que eu vejo, pelo buraco do ninho, é a luz do sol, que nos aquece.

A nossa mãe contou-nos que, quando saímos dos quatro ovinhos, não tínhamos penas, estávamos nuzinhos, mas agora já estamos cobertos com uma penugem fofa que, brevemente, se tornará em penas grandes, como aquelas que têm minha mãe e meu pai.

Tenho sempre tanta fome! E os meus irmãos também. Os nossos bons pais andam sempre atarefados, apanhando moscas, lagartas e outros insetos, dos que voam, para encher os nossos bicos, que estão sempre abertos!

Eu gosto de espreitar pela abertura do ninho. Quando os dias estão bons, com o Céu azul e o Sol brilhante, os meus pais voam muito alto, para apanhar as nossas refeições; quando está chovendo, as moscas e mosquitos andam mais perto do chão e assim os pais voam mais baixinho.

A nossa mãe conta-nos histórias muito interessantes. Ela diz que nós, as andorinhas, fazemos grandes viagens duas vezes por ano. Quando o tempo está bom e quente, como está agora, passamos alguns meses nos países da Europa: Portugal, Espanha, França, Inglaterra e muitos outros. Quando começa o frio e a chuva, vamos em grandes bandos para o sul, para Angola e outros países da África.

Eu gosto muito de ouvir estas histórias. A mãezinha nos diz que as andorinhas, quase sempre voltam, para os mesmos lugares onde estavam antes de viajar e muitas vezes para o mesmo ninho, ano após ano.

“Quem nos guia, mãezinha, através destas grandes jornadas e por cima dos grandes mares?”, perguntei eu.

“Filhinho”, respondeu ela, “é Deus, o grande Deus, que é o Criador de todos os passarinhos, dos animais, dos homens, das mulheres, das crianças, das árvores, das flores e dos frutos. É esse mesmo Deus que nos guia!”

oOo

2

Um dia, os nossos pais fizeram uma revisão em todos nós, os quatro passarinhos. “Penso que chegou a hora da primeira lição de voo”, disse o nosso pai. “Você tem razão, os nossos quatro filhinhos já podem estender bem as suas asas”, disse a nossa mãe.

Então o pai voou para fora do ninho e a mãe nos pôs um a um à beira de nosso ninho e disse: “Salta, filho, salta. E bate as asas, o pai está perto e não te deixará cair”.

Eu fui o primeiro a saltar e confesso que estava com bastante medo. O meu coraçãozinho batia muito depressa, mas confiei nas boas palavras da minha mãe. Sabia que ela me amava muito, assim como também me ama o meu pai e que eles não me deixariam cair.

Por isso, saltei e bati as asas. E que sensação tão estranha senti, mas, ao mesmo tempo, agradável. “Pio-pio-pio”, cantei eu, cheio de alegria. Logo estávamos todos voando em família, debaixo de um Sol brilhante e de um lindo Céu azul.

“Quando estiverem cansados”, disse a minha mãe, “pousem sobre aquele fio de telefone. Vejam como eu me agarro com as patinhas”. E nós imitamos a mãe e lá ficamos balançando alegremente.

Enquanto isto, os pais andavam apanhando petiscos para pôr em nossos biquinhos, que já estavam abertos, tal era a nossa fome depois de tanto exercício. “Pio-pio-pio”, cantávamos nós no intervalo de cada petisco.

Vimos muitas outras espécies de pássaros voando, para cá e para lá, e eu perguntei os nomes deles. “Aqueles grandes são pombos”, disse o nosso pai, “Ali naquele árvore saltita um pintassilgo e mais um bando de pássaros.” “Lá embaixo, estragando aquelas ervilhas são pardais”, disse a nossa mãezinha.

“Bem, filhinhos, basta pela primeira vez. Voltemos agora para o ninho. Quase está pondo-se o Sol. Está na hora de dormir.” E, assim, com um pouco de dificuldade, lá entramos, um após o outro, em nosso querido ninho.

oOo

3

Que lindas são as madrugadas! É a hora do dia de que eu mais gosto. Nasce o Sol como uma grande bola vermelha; vem

subindo sobre o rio, fazendo uma estrada brilhante sobre a água.

Nós e todos os passarinhos, levantamos as nossas vozes em hinos de louvor a Deus, agradecendo-Lhe o descanso da noite e mais um dia de vida.

Espero que os meninos que lerem a minha história também se lembrem de agradecer a Deus por todas as Suas bondades!

Os meus pais escolheram um bom lugar para o nosso lar: temos um jardim bonito, com muitas flores e muitas árvores. Um cãozinho muito vivo anda sempre a correr e a brincar perto de nós.

Quando voamos baixinho, ele dá saltos para ver se é capaz de nos apanhar, mas, já se vê, nunca consegue! Ele é um grande inimigo dos gatos e fica furioso se algum se atreve a entrar no quintal e atira-se a ele, ladrando furiosamente!

Ouçõ as pessoas desta casa, onde temos o nosso ninho chamando o cãozinho pelo nome de “Bolinha”.

Os gatos são muito maus para nós, passarinhos. Os nossos pais tiveram mil cuidados conosco, quando ainda voávamos pouco, aconselhando-nos sempre a fugir quando vissemos um senhor gato!

Como nós, andorinhas, não pousamos no chão, como os outros passarinhos, não corremos tantos perigos com os gatos, nem com as “ratoeiras” que os homens cruéis armam para apanhar os pobres passarinhos.

Dos nossos ninhos, que ficam geralmente em lugares altos, não podem os rapazes roubar os ovos, nem nos maltratarem quando somos pequeninos, mas há um grande perigo para as andorinhas!

Eu lhes vou contar: quando o Sol se põe, à beira das encostas que dão para o rio, alguns rapazes maus têm o costume de “pescar as andorinhas”. Os meninos pensam que só se pesca peixe, não é verdade?

Pois ouçam, com canas compridas, às quais estão atados fios finíssimos, formando um laço, os rapazes, ao fim da tarde, põem-se de pé à beira da rocha, o fio sobre para o ar,

levado pela brisa e as andorinhas, voando atrás dos insetos não veem o fio, entram no laço e zás!. O rapaz cruel dá um esticão com a cana, o laço aperta-se e a pobre andorinha é atirada para o chão onde é, muitas vezes, torturada antes de ser morta!

Tenho a certeza que os meninos que leem a minha história ficam tristes ao ouvirem isto, porque sabem que o Deus de amor que nos criou, não quer que ninguém nos trate tão cruelmente.

Lembrem-se que o foi o Senhor Jesus Cristo que disse: **“Olhai para as aves do céu... O vosso Pai celestial as alimenta”** (Mateus 6.26). Deus ama os passarinhos.

Há uma Sociedade “protetora dos animais” que manda prender e castigar os rapazes que “pescam as andorinhas”, ainda bem!

oOo

4

Já lhes contei alguma coisa da minha vida, em viagem por Portugal. Agora vou contar-lhes da nossa viagem para a África.

Nos fins de setembro, vi que meus pais e as demais andorinhas de certa idade, andavam muito preocupados. Juntavam-se em bandos sobre os fios, conversando excitadamente.

Nós, os mais novos, pousávamos perto deles, guardando um silêncio respeitoso. Descobrimos que eles estavam combinando o dia da partida e o caminho a seguir para a África.

Uns sugeriam uma coisa e outros, outra, mas, por fim, chegaram a um acordo. Poucos dias depois, antes que o Sol nascesse, levantamos voo. Os mais velhos e experimentados à frente; nós, os mais novinhos, seguindo-os de perto.

Fomos rumo ao sul. Eu tinha pena de dizer “adeus” ao meu primeiro lar, com o bonito jardim e a bela vista sobre o Rio Tejo. Foi interessante voar por cima de terras, até então desconhecidas, campos, rios, vales, montanhas, aldeias e cidades. De vez em quando, descansávamos e sempre paramos durante a noite.

“Estamos chegado ao fim de Portugal. Agora voamos por cima da Espanha. Ali vem o mar que separa a Europa do norte da África”, assim iam nos ensinando as andorinhas mais velhas.

Quando começamos a nossa viagem, o tempo já era fresco demais para o nosso gosto, mas, quando chegamos à África, o Sol já nos aquecia outra vez e o Céu era de um azul lindo, de que nós tanto gostamos.

Começamos então a separar-nos. Umhas andorinhas quiseram continuar a viagem, durante muito tempo até a África do Sul. Eu, e muitas outras, resolvemos ir para Angola.

Já fazia muito tempo que eu, e os meus irmãos, andávamos sem os cuidados de nossos pais, mas, como eu os amava muito, resolvi ficar com eles no mesmo lugar numa Missão.

Fiquei encantado com tanta beleza por toda parte. Vi muitas coisas que nunca tinha visto. Pássaros enormes, com cores muito vivas, e arbustos com flores lindíssimas de todas as espécies. Palmeiras, cocos, mangas, tantas coisas tão diferentes e tão interessantes.

Eu gostei tanto de ver as criancinhas pretas da Escola, meninas e rapazes, tão limpinhos, estudando as suas lições, às vezes debaixo das árvores à sombra.

Umhas senhoras brancas ensinavam as criancinhas a tratarem também dos dentes. Eu aprendi muito, porque voava baixinho ou pousava num fio perto deles.

Aprendi que ensinavam os pretinhos a crer em Deus e a amar o Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Ouvi uma menina que se chamava Catarina Zineza, dizer um versículo da Bíblia em português: **“Deus amou ao mundo de tal maneira que**

deu o Seu Filho unigênito para que todo o que nEle cree não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Esta menina tinha estado doente e foi tratada no Hospital da Missão. Agora está melhorzinha e vai à Escola com as outras crianças. Tem uma grande amiga chamada Fineza. Ouvi isto tudo quando voava para cá e para lá atrás de insetos.

Também ouvi que elas estavam todas contentes porque os alunos da Escola Bíblica Dominical do lugar onde eu estava, em Portugal, mandam de vez em quando dinheiro para ajudar com os remédios e livros para eles e para outras crianças.

Eu voei por cima das aldeias indígenas e achei interessantes as suas choupanas, tão bem feitas, mas notei uma coisa: que as crianças não estavam tão limpinhas como as crianças da Missão.

oOo

5

No princípio, tive medo dos pássaros grandes, mas eles não nos fizeram mal; por isso, depressa me acostumei com eles.

Um dia, vi uma das senhoras que estava ensinando as pretinhas e os pretinhos, debaixo das árvores, apontar para mim e ouvi que ela contava às crianças que eu e os meus companheiros tínhamos vindo de muito longe, dos países da Europa, para passar algum tempo em Angola.

Ouvi um menino dizer: “Ah! Um passarinho tão pequeno voar tão longe como um avião!” Até as crianças lá na África já estão acostumadas a verem aviões passarem por cima deles. A senhora professora respondeu: “Sim, Deus guia estas andorinhas e cuida delas nestas grandes viagens”.

Um dia, vi um rapaz muito pobre, coxo e muito magro chegar à Missão. Estava tão cansado e tão doente que quase

não podia falar. As senhoras trataram dele com tanto carinho! Deram-lhe de comer, trataram das suas feridas e deram-lhe uma boa cama.

Eu voava em frente à janela e espreitava tudo e então ouvi a sua história: “Eu vivo numa aldeia que fica muito, muito longe daqui”, disse ele, “há alguns meses uma menina, minha vizinha, estava muito doente e seus pais a trouxeram para a Missão. Ela ficou curada e, enquanto esteve aqui, aprendeu a ler. Quando voltou para sua casa, levou uns livrinhos que contavam a história de Jesus Cristo. Ela os lia para mim. Gostei muito. A sua família queria rasgar estes livrinhos, chamados os “evangelhos”, mas a menina os escondia e os lia às escondidas. Nós fugíamos para o “capim” (capim é chamada a erva muito alta) e ali, escondidos, líamos as belas e lindas histórias e eu também aprendi a amar o Senhor Jesus e já não cria nos feiticeiros”.

“Os meus pais ficaram muito zangados, quando souberam que eu tinha aceitado “a religião dos brancos”, nome como é conhecido o Evangelho entre os pagãos. Deram-me muita pancada, me prenderam, me fizeram passar muita fome, tudo para ver se poderiam quebrar a minha fé, mas Deus me ajudou a ter coragem e resistir”.

“Um dia, consegui fugir e a menina explicou-me o caminho para a Missão. Tenho levado muitos dias para chegar aqui, porque estou doente. Com medo de ser apanhado, tenho andado quase que todo o caminho à noite e durante o dia me escondia”.

“Tinha medo dos búfalos e das cobras, mas fazia oração a Deus e pedia-Lhe que me guardasse e Ele livrou-me de todos os perigos. Agora peço às senhoras que tratem de mim e que me ensinem a ler, a escrever e a conhecer mais daquele Livro tão maravilhoso, que é a Bíblia”.

Eu fiquei com muita pena do pobre rapazinho e gostei de ver como as boas senhoras da Missão tratavam dele, com tanto carinho. Em pouco tempo, ficou muito melhor, mais gordo e não coxeava e tinha uma cara tão alegre e satisfeita!

Um dia, ele apontou para mim e perguntou: “Que passarinho é “este?”. E eu ouvi contar a história das andorinhas e das suas viagens.

O Pedro Kalandenda, como ele se chamava, ficou muito contente e interessado. Um dia, olhou para mim e disse: “Olá, andorinha, quem me dera voar contigo e ir para aqueles países tão distantes. Talvez quando for homem, possa ir lá. Vou trabalhar muito, para passar bem nos exames. Se Deus quiser, mais tarde, poderei ter um bom emprego”.

oOo

6

Um dia sofri um desastre. Um rapaz muito mau quebrou-me uma patinha com uma fisga. Felizmente, ainda fui capaz de fugir dele, escondendo-me no tal “capim”. Ai, que dores que eu senti! Pensei comigo mesmo: “Esta boa gente daqui, da Missão, que consertam as pernas e os braços das pessoas, com certeza sabem consertar a perna de uma andorinha”.

Voei baixinho para o Hospital, pousei num arame de roupa, na varanda, e quando passou uma enfermeira, piei, e fiz que ela visse minha perninha partida. A boa senhora olhou para mim e viu logo de que se tratava.

Com mil cuidados e falando baixinho, pegou em mim.”Pobre andorinha!”, disse ela, “Você tem uma perninha quebrada e veio tratar-se no Hospital. Eu tratarei de você”. Dito e feito, arranjou umas talas, muito fininhas, e ligou a perna; depois, pôs-me numa grande gaiola. “Para que os gatos não apahem você!”, disse ela.

De vez em quando, ela me trazia moscas e outros insetos para eu comer.

Os meus irmãos também vinham ver-me e animar-me, contando-me histórias acerca dos seus dias passados nas aldeias indígenas. Um dizia: “Gosto mais dos meses na Europa”. Outro: “Estou mais contente aqui na África”.

As criancinhas pretas, com os seus grandes olhos brilhantes, cabelos encaracolados, vinham espreitar-me e davam-me bocadinhos de “mandioca”, uma papa feita de farinha de milho que comem na África, e ficavam tristes quando eu não comia, mas, nós, as andorinhas. Não podemos engolir estas comidas.

As enfermeiras brancas explicavam isto aos miúdos, e então eles traziam insetos. E estes eu aceitava com prazer.

Bem, pensei que os meninos que lerem a minha história ficarão sabendo bastante da vida de uma andorinha, não é verdade?

Quando nos virem aparecer em Portugal, nos fins de fevereiro ou nos primeiros dias de março, dirão: “Oh! Aí vêm as andorinhas outra vez, que bom! Elas nos dizem que a primavera está a chegar, com seus dias grandes de sol e de céu azul!”.

Depois, nos fins de setembro, pouco mais ou menos, dirão: “As andorinhas estão em bandos, nos fios de telefone, combinando a sua viagem para o sul. Adeus, andorinhas! Adeus! Quem nos dera voar com vocês, para fugir do frio e da chuva! Voltem depressa, andorinhas queridas! Que Deus as guarde!”

.oOo.